

DA TÉCNICA À TECNOLOGIA: UMA LEITURA DO PENSAMENTO TECNOLÓGICO DE MARTIN HEIDEGGER

Alexandre Antônio Nervo¹

Introdução

Um crítico que deixa transparecer certa fascinação diante de iminente era pós-humana é o norte-americano Arthur Kroker, professor do Departamento de Ciências Políticas na University of Victoria, British Columbia. Ele propõe discutir a evolução do Ser na era da tecnologia com base no legado de três pensadores da modernidade ocidental: Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger². O último é considerado pelo autor como *o filósofo-chave da sociedade tecnológica plenamente realizada* (KROKER, 2004, p.37), indicando que o ser humano estaria cada vez mais *aborrecido com a própria condição de humanidade*. A análise da técnica e a história do ser, no pensamento heideggeriano, são eventos inseparáveis. O problema da técnica não é meramente instrumental, mas sim dependente do *desocultamento da verdade e do ser* (COCCO, 2007, p.14).

Martin Heidegger diz que a época moderna é a época da técnica. Como os pensamentos técnicos são aplicáveis, testemunhamos extensiva proliferação de estudos acadêmicos que analisam as estruturas cotidianas sob a crença de que a técnica é capaz de a tudo resolver. Consideramos que elaborar, com propriedade, a crítica ao pensamento tecnológico implica, inicialmente, em diferenciar a *técnica antiga* da *técnica moderna*, o *pensamento tecnológico* do *processo tecnológico*, o *mundo ocidental* da existência de *outros mundos*.

Intentamos, assim, aproximar-nos do condizente sentido que nos traz a palavra *tecnologia*, no momento em que o enraizamento moderno do pensamento cibernético reúne todos os entes sob a epígrafe da informação. O objetivo do presente artigo é esclarecer o emprego do termo *tecnologia*, na realidade hodierna, a partir da focalização da história do ser, com base no legado teórico de Martin Heidegger e de seus intérpretes contemporâneos. Partimos da abordagem relativa ao estudo da técnica, como marco criador de uma filosofia, colocando a *questão da técnica* como um dos grandes desafios reflexivos para a humanidade.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS). Bolsista CAPES. E-mail: aanervo@yahoo.com.br

² KROKER, Arthur. *The will to technology and the Culture of Nihilism: Heidegger, Nietzsche and Marx*.

A revelação do Ser

O conceito de existência é uma das principais contribuições dos estudos de Martin Heidegger para o pensamento universal. Para ele, a palavra mesmo constitui-se em uma existência. Tudo o que está no mundo começa com a palavra, ou seja, tudo começa com a existência de algo. Este algo encontra contrapartida na palavra. É dessa maneira, segundo Richard Rojcewicz (2006, p.54), que Heidegger estabelece uma conexão entre as histórias do Ser e da linguagem. A posse da palavra *Aletheia*, para os gregos do período clássico, representava o momento de favorecimento dos deuses. É a primeira época na História em que o Ser foi revelado. A experiência da auto-revelação do Ser dependia da existência de uma palavra. *Aletheia* surgiu como revelação do mundo ao indivíduo nele inserido, não como uma verdade definida ou que se revela por inteiro, e sim como um aspecto primordial de uma realidade que não se restringiria a julgamentos, crenças ou representações. Em função disso é que somente no mundo ocidental existe a relação do homem com a verdade. Em outros mundos os indivíduos não estariam preocupados com a verdade³.

Na Grécia Antiga, a verdade estava nas mãos dos mestres, dos feiticeiros, cujo conhecimento era solicitado pela comunidade para decidir os problemas do grupo. Eram os chamados *mestres da Aletheia*⁴. Com o proselitismo religioso da Idade Média, a verdade encontra explicação, em última instância, na palavra atribuída ao Deus. É somente com o respaldo seminal da filosofia da ciência, em René Descartes, no século XVII, que a prerrogativa da verdade estende-se ao homem mediante o conhecimento especializado da experimentação. O método científico conduz ao potencial de compreensão dos fenômenos naturais e a consequente criação ou modificação da vida.

A visão científica coloca o sujeito moderno do lado de fora do mundo, posicionado-o como observador privilegiado, com a possibilidade de dominar o que vê. É como se existisse uma barreira que separasse a esfera do olhar do sujeito em relação ao mundo do objeto. O método científico proporcionaria o contato entre olhar e mundo, entre sujeito e objeto. Para Heidegger, tal dinâmica moderna é enganosa ao atrelar-se exclusivamente ao universo epistemológico. Tanto o sujeito como o objeto fariam parte de um mesmo *mundo historial*, a partir de um universo

³ O legado do alemão Oswald Spengler influencia Heidegger na consideração do Ocidente como mundo epocal do ser. Em *O declínio do Ocidente*, Spengler desenvolve a ideia de que não há apenas um mundo histórico. Existiriam várias humanidades.

⁴ De acordo com Jean Pierre Vernant, na obra *Os mestres da verdade na Antiga Grécia*.

histórico-ontológico⁵. Antes do período moderno a conformação era totalmente diferente. Para os gregos, o sujeito posicionava-se abaixo do objeto. O caráter do ser não era de dominação do mundo. Em uma linha única, que partia do caos em direção ao âmbito superior do cosmos, os indivíduos residiriam nas posições intermediárias, sempre abaixo dos deuses.

No período antigo, as categorias do Eu e do Indivíduo ficavam subsumidas sob a designação de *personas* ou *pessoas*. A identidade dessas *pessoas* era tida como um ideal coletivo. No mundo moderno ocidental, a delimitação das identidades passa pelos domínios do Eu e do Indivíduo. A partir das configurações do individualismo e da secularização surge a figura do duplo Eu: é a existência da alma no ideário do mundo cristão.

O elemento comum a todos os entes é a essência, determinada no plano metafísico. Como a técnica é um ente, existe a tentativa de se chegar à essência da técnica. O percurso da metafísica pressupõe a conferência de identidade a um determinado ente, para então definir-se a sua essência. De acordo com Francisco Rüdiger (2006) a palavra 'essência' é utilizada por Heidegger para designar dois significados distintos:

Ao nível da metalinguagem, quando se refere à desconstrução da metafísica. Neste sentido, a essência é igual ao sentido ou significado obtido a partir dos registros histórico-ontológicos, pensados de maneira crítica. A metafísica é relativizada, ao não oferecer substrato científico, fazendo-se necessária como ilusão a fim de obtermos significados para o mundo. O outro sentido atribuído pelo autor, ao nível da linguagem ocidental, faz referência direta à metafísica e à sua essência.

Consumação da metafísica e Armação

A compreensão do mundo é acessível aos indivíduos mediante a correspondência entre os dados da existência e as palavras. Dessa forma, o mundo possui dois registros existenciais: o plano físico e o plano metafísico. Os registros metafísicos da existência correspondem à realidade coletivamente acessível (RÜDIGER, 2006, p.90). Cabe ao indivíduo a aceitação ou o descrédito diante de determinados registros do real. O recurso à crença é o fator determinante para a tomada de realidade como pertencente ao universo particular de cada um. Em outras palavras, quem não crê em nada, nada vive, no que diz respeito às experiências coletivamente reconhecíveis no plano metafísico.

⁵ Ver RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem*.

De acordo com Martin Heidegger, o princípio da história do pensamento metafísico remete ao percurso teórico clássico grego traçado por Sócrates, Platão e Aristóteles. As ideias que vão sendo aperfeiçoadas, durante o período socrático, consideram a metafísica como a evolução da condição de animalidade do ser em direção ao critério da racionalidade. O pensamento filosófico original se desenvolve até o marco teórico estabelecido por Friedrich Nietzsche. O ideário heideggeriano indica que a produção intelectual, no âmbito da filosofia reflexiva, na esfera ocidental, esgota-se em Nietzsche. Eis o pressuposto da indicada consumação da metafísica: tudo o que vem depois desse marco teórico, de algum modo, já foi dito ou pensado⁶.

A grande novidade, proposta por Heidegger, é a possibilidade de inversão do pensamento metafísico, com a perspectiva de se construir filosoficamente um mundo anteriormente concebido pelo regramento metafísico. A reflexão proporcionaria ao ser o devido resguardo diante de ofuscamento incitado pela metafísica em sua fase de consumação. Em outros termos, todo o argumento contemporâneo, indicando novas possibilidades para a metafísica ocidental, é enganoso, o que poderíamos chamar de uma *retórica da ilusão*⁷.

Em um mundo moderno regido pela técnica, e marcado pelo acabamento da metafísica, os sujeitos não pensam mais sobre o funcionamento do sistema. O corrente processo conduz à resolução dos problemas de identidade: o indivíduo torna-se efetivamente parte de uma rede eletrônica. É a apropriação do ser humano pela tecnologia. A metafísica da Armação é a forma de estar no mundo que coloca o ser humano em segundo plano, tornando-o dispensável diante do progressivo apelo tecnológico. A compensação oferecida, quando da anuência coletiva ao processo da Armação, consiste no alívio das pressões que um mundo regido pela técnica incita. Trata-se de dinâmica onde a técnica deixa de ser importante em face à sobrevalorização da tecnologia. A idealização da máquina, dinamizada pelo processo de automação da eletrônica, engendra um mundo social substituto e que não tem mais equidade com traços de humanidade, na medida em que estes são determinados apenas pela *técnica*, e não pela *tecnologia*.

Técnica, tecnologia e pensamento tecnológico

Segundo Heidegger, a técnica moderna não funciona da mesma maneira que a técnica antiga. No ideário de tempos anteriores à modernidade, tudo o que fosse humano poderia ser objeto da técnica. A arguição em público foi o objeto que deu origem às técnicas de retórica. Do

⁶ Conforme RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem*. P.63

⁷ Para nos referirmos à falsa pretensão pela novidade teórica no pensamento ocidental contemporâneo.

desempenho nas lides domésticas derivaram as técnicas de administração do lar, assim como do exercício das funções públicas resultaram as técnicas políticas. **As** técnicas, nesse sentido, caracterizam-se pela pluralidade em seus conceitos e orientações.

Contudo, seria incorreto considerar a retórica, a administração doméstica ou a política como técnicas por si mesmas. São os indivíduos que dão forma ao conhecimento técnico. As pessoas que se destacam em determinado campo demonstram o domínio da técnica que orienta as suas atividades específicas. É nesse momento que advém a técnica de uma unidade do fazer humano. A mitologia grega já apontava que os deuses se destacavam dos homens por dominarem melhor a arte desses homens, ou seja, por obterem melhor domínio da técnica.

O desencobrimento do ser, proporcionado pela técnica moderna, tem um sentido de provocação do ambiente natural, considerado como mera fonte de recursos manipuláveis (COCCO, 2007, p.53). A técnica moderna é a viva expressão da tecnologia (definida como todo o conhecimento operatório baseado na ciência, ou em outro tipo de saber). A ideia de um mundo perfeito, por meio da intervenção da técnica na realidade, constitui-se no pensamento e ambição predominantes entre os modernos. A moderna tecnologia é capaz de transformar o mundo e modificar o cotidiano a partir de uma nova maneira de desvelar o ser (Idem, p.52).

Martin Heidegger nos ensina que a técnica é diferente do *pensamento tecnológico*. A técnica consiste no saber operatório de um determinado campo do fazer humano. A crença de que a técnica é capaz de tudo resolver representa o ideal fundamentalmente proposto pelo *pensamento tecnológico*. Quanto mais a busca pela perfeição esquiva-se das questões individuais, que diferenciam os indivíduos entre si, ingressamos na hegemonia de em um *processo tecnológico*⁸.

Conclusão

A criatura, ou o objeto criado, se volta contra o seu criador. Eis um tema muito explorado pela literatura de ficção, desde Mary Shelley com *Frankstein ou o Moderno Prometeu* (1818), até as mais recentes narrativas de escritores como Michael Crichton (*O homem terminal*, 1974; *Parque dos dinossauros*, 1993), que revelam o temor pelas consequências de intervenções da ciência no percurso da humanidade. O principal arquétipo dos tempos modernos alimenta o imaginário coletivo com os fantasmas de uma sociedade em que a vontade do homem de dominar o mundo pode não acabar bem.

⁸ Diferenciações terminológicas empregadas pelo pesquisador Francisco Rüdiger (referência anteriormente citada).

Em 1899, James Boyd observava o avanço industrial em território norte-americano, preocupado que estava à época com a possibilidade do progresso tecnológico assumir um papel de domínio em relação à cultura e à política⁹. Atualmente, a crescente informatização dos procedimentos rotineiros traz consigo o temor de sermos controlados por sistemas de dados cada vez mais aptos ao autogerenciamento.

O cenário exposto, envolto em receios quanto à hegemonia da máquina frente ao homem, mostra-se precipitado, e dotado de certa ingenuidade, quando refletido sob a perspectiva de Martin Heidegger para o estudo da essência da técnica. Ele nos confronta com um conceito diferente de mundo, onde o homem não aparece em primeiro lugar. Considera o *humano* como um conceito histórico-ontológico formador de um mundo contingente, pois haveria o tempo em que o mundo não fora humano. Havia outro tipo de registro histórico-ontológico para pensar a centralidade do mundo.

Heidegger é um pós-humanista que se preocupa em alertar para a reflexão acerca de um processo histórico que tende a adquirir o seu estágio máximo nos próximos séculos. Tal progressão sócio-histórica não afastaria a possibilidade de que, em perspectiva futura, surgisse algum movimento que pudesse modificar o percurso desse processo, de maneira criativa e original¹⁰.

Diante do *processo tecnológico* que predomina nas coletividades modernas, Heidegger dispensa as visões extremas da fé incondicional ou do temor ingênuo pelo mundo maquinístico. Não propõe fórmulas mágicas para escapar ao domínio da *técnica* e da *tecnologia*. Como diz, resta apegar-se ao pensamento reflexivo, um dos únicos recursos disponíveis ao ser humano, para driblar a interpelação tecnicamente determinada pela Armação.

Referências bibliográficas

COCCO, Ricardo. *A questão da técnica em Heidegger* [dissertação]. São Leopoldo (RS): Universidade do Vale do Rio dos Sinos; 2007.

KROKER, Arthur. *The Will to Technology and the Culture of Nihilism: Heidegger, Nietzsche and Marx*. Toronto : University of Toronto Press, 2004.

⁹ Ver SMITH, Merritt Rose. *El determinismo tecnológico en la cultura de Estados Unidos*.

¹⁰ De acordo com a leitura de Francisco Rüdiger: *Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem*. P.232

ROJCEWICZ, Richard. *The gods and technology: a reading of Heidegger*. New York, NY: State Univ. of New York, 2006.

RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SMITH, Merritt Roe; MARX, Leo. *Historia y determinismo tecnológico*. Madri: Alianza Editorial, 1996.